



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação – FE

Afetividade na Educação Infantil

Luana Thamiris Gonçalves Araújo

Brasília, dezembro de 2014.



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação – FE

Afetividade na Educação Infantil

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília, dezembro de 2014.

Luana Thamiris Gonçalves Araújo

Afetividade na Educação Infantil

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Orientadora: Dra. Sônia Marise Salles de Carvalho

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar (examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, dezembro de 2014.

HOMENAGENS

A minha mãe Lúcia, por sempre me amar apesar das minhas falhas. Por ter me dado atenção, coragem e força em todos esses anos e principalmente nesses últimos quatro que se passaram, não me permitindo desistir do curso.

A meu pai Joseilton, meu herói, o responsável por sempre acreditar em mim quando nem eu mesma mais acreditava.

A meu irmão Ronielson e minha cunhada Rafaela, que sempre me animavam e encorajavam nos momentos mais difíceis.

A minha sobrinha Ana Luísa, a dona do meu coração, razão da minha vida e responsável pelo meu mais lindo sorriso.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder o dom da vida e a oportunidade da descoberta de uma profissão gratificante e linda.

A minha família que é a base de tudo o que sou hoje.

Aos meus professores de educação infantil ao ensino médio, em especial a Professora Janaína, que foram a base do meu desenvolvimento tanto no âmbito escolar como no pessoal.

A todos os meus amigos e amigas, principalmente as que eu tive a honra de conhecer dentro da Faculdade de Educação, que sem dúvida, foram o meu suporte, a minha motivação e o meu alívio nas horas mais difíceis do curso.

A todos os professores da Faculdade de Educação, os quais tive o prazer de conhecer.

Aos alunos e professores que conheci ao longo de dois anos de estágio, vocês foram o fator primordial para o despertar da minha paixão pela profissão.

E por fim, a Eight, que já a conhecia, mas que foi uma fiel escudeira nestes últimos semestres. Capaz de proporcionar em mim alegria nos momentos mais complexos e por ser a minha musa inspiradora.

“Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem a serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.”

(Augusto Cury, 2003)

RESUMO

Este trabalho apresenta a possibilidade de aproximação do termo afetividade na educação infantil, demonstrando que com um possível vínculo afetivo é viável promover a inclusão de uma criança com dificuldades de socialização no seu ambiente de educação. A partir do tema afeto, foi realizada uma pesquisa participante em um colégio particular, católico. O objetivo deste é tanto de trazer a relevância do tema dentro do ambiente da educação infantil como de mostrar sugestões para uma melhor relação entre professor-aluno, aluno-aluno e escola-aluno e assim podermos pressupor a importância que o afeto pode ter no processo de socialização. As contribuições de Freinet demonstrando a importância de o educador ser um ser humano sensível sendo assim, capaz de proporcionar um desenvolvimento e um encanto no educando, foram fatores primordiais para o desenvolvimento do trabalho. Para a realização deste, foi preciso estudos, reflexões sobre os temas e práticas pedagógicas, as quais foram descritas logo mais adiante no texto. Esta prática foi desenvolvida ao longo da formação acadêmica da autora no curso de pedagogia dentro da Universidade de Brasília, tendo como base o projeto 3 fase 2 e 3 e o projeto 4 fase 1 e 2.

Palavras chaves: Afetividade e Educação Infantil.

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
MEMORIAL	12
CAPÍTULO I – TEORIZAÇÃO E ANÁLISE	21
1.1 Relações entre afetividade na educação infantil.....	21
1.2 A afetividade promovendo a inclusão	Erro! Indicador não definido.
1.3 Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS)	30
CAPÍTULO II – ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	34
I. A metodologia da pesquisa.....	34
II. A pesquisa.....	35
III. O sujeito da pesquisa	36
2.1 Práticas Pedagógicas na Educação Infantil	37
2.1.1 – Relatos e análises.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
PERSPECTIVAS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE	55
ANEXOS.....	59

APRESENTAÇÃO

O presente estudo apresenta uma análise sobre a socialização na educação infantil. Este estudo descreverá relatos de experiências do sujeito colaborador e reflexões sobre o tema citado acima. Assim, este trabalho tem por objetivo levantar questões sobre a possibilidade de a afetividade proporcionar a socialização dentro da educação infantil. Tem também como intuito, revelar o papel que o educador apresenta para a formação do educando dentro desse processo tão importante para a formação deste.

O objetivo geral apresentado neste trabalho é buscar refletir sobre a afetividade como um processo de ligação da socialização no âmbito da educação infantil e como objetivo específico busca analisar a possibilidade de utilizar a afetividade no processo de socialização das crianças.

É importante entendermos que no mundo atual os valores que são pregados dentro das escolas estão se distanciando cada vez mais dos valores primordiais para a compreensão, a comunicação e principalmente a afetividade, fatores necessários para o trabalho dentro do âmbito escolar. Falar de afetividade pode parecer fácil. Para muitos, nada mais é do que dar carinho a alguém, mas a afetividade vai além do carinho, entram aí valores como a solidariedade, o compartilhamento, a cooperação, a compreensão, entre outros.

Seguindo o princípio da vivência e do sentimento que surge do interesse com o objeto de conhecimento, torna-se relevante buscar dentro do âmbito escolar, respostas para um tema tão comentado, mas tão pouco compreendido.

Com isso, o presente trabalho está dividido em três partes interligadas, sendo a primeira constituída pelo memorial educativo, neste é relatado toda a minha trajetória de vida escolar desde a infância até os dias atuais.

A segunda parte deste trabalho corresponde à monografia e está subdividida em dois capítulos, o primeiro, abordando o referencial teórico onde são citados os conceitos de afetividade, socialização e os aspectos da legislação brasileira sobre a Educação Infantil.

No segundo capítulo apresento a análise teórico-metodológica, descrevendo o relato de experiência sobre a possibilidade de a afetividade promover

a socialização na educação infantil. Ainda neste capítulo apresento reflexões sobre a experiência relatada, e neste momento, me posiciono sobre o que foi possível aplicar da teoria na prática, como aconteceu, o que aprendi e se foi significativo, entre outros aspectos.

A parte final deste trabalho consiste nas minhas perspectivas profissionais, o que eu desejo para o meu futuro tanto no âmbito pessoal, como no acadêmico, a minha missão a ser desenvolvida como pedagoga. Concluída essa parte é dado o fim desse trabalho de conclusão de curso e início de inúmeras outras possibilidades de atuação profissional.

Parte I: Memorial
Memoria Educativo

MEMORIAL

Nascimento e Infância

No dia 29 de maio de 1993, na cidade de Teresina – PI, no Hospital Aliança Casamater, às 8 horas e 30 minutos da manhã, eu nascia, de parto cesariano, sem nenhuma complicação. O nome foi escolhido casualmente, não conheço ao certo o porquê dele, mas segundo minha mãe, quando viu o nome apaixonou-se e o escolheu. Quando a mesma engravidou de mim, ela já tinha um filho de 2 anos e meio, este quando ficou sabendo que teria uma irmã, ficou enciumado, mas aos poucos foi gostando da ideia.

Minha infância foi bem vivida, lembro que meu irmão e eu éramos muito levados, aprontávamos muito, acredito que isso refletiu no número de babás que tivemos, 10. Sempre fomos muito amigos, embora brigássemos muito, porém, nas horas difíceis nos uníamos.

Eu era muito teimosa, quando criança gostava de fazer confusão por tudo, entretanto, fui muito feliz, aproveitei tudo o que podia.

Uma coisa que adorava fazer era ouvir as histórias dos meus pais, lembro que quando não tínhamos nada para fazer, sentávamos para conversar, isso nos rendia muitos risos e muitas vezes essas conversas eram acompanhadas por jogos de cartas.

Minha relação com os meus pais sempre foi ótima, mas sempre tive uma aproximação maior com o meu pai, não que não tivesse com minha mãe, pelo contrario, mas acredito que tenha sido porque meu pai fazia tudo o que eu queria. Assim sempre o tive como meu herói e minha mãe como a rainha da casa, meu pai sempre foi para mim o forte, o mais lindo e minha mãe a pessoa mais inteligente e amorosa do mundo.

Se tivesse que resumir em uma palavra como foi a minha infância, resumiria em intensa, acredito que até hoje ainda tenho um pouco desse lado de menina moleca e levada. Brinquei, chorei, fui birrenta, teimosa, chata, mas fui feliz e

amada e graças a Deus não passei dificuldades, não tive traumas, apenas vivi sem me preocupar com nada.

Educação Infantil

Minha vida acadêmica começou quando eu tinha 3 anos de idade. Minha primeira escola chamava-se Losângio, era uma escola particular que ficava no bairro onde eu morava e estudei lá por três meses onde comecei no Jardim I, tive que sair porque a mesma decretou falência, não me lembro de muita coisa de lá mais lembro que tinha um pé de acerola onde eu me machuquei feio. Lembro que brincava de pique-pegas com os amigos e aí uma das meninas me chamou para nos escondermos próximo da árvore e quando fui correr tropecei na raiz da árvore e meu joelho ficou muito machucado. Após a falência da escola fui estudar numa escola que ficava na rua acima da minha casa, Colégio Porto Alegre, também era uma escola particular. Lá me sentia perdida, pois os outros alunos já eram todos “amiguinhos” e eu era novata. Lembro que tinha uma pasta verde e me sentia a pessoa mais inteligente do mundo quando a segurava. Em junho deste ano, fui convidada a ser Rainha Caipira na festa junina de São João da escola, foi muito legal, foi aí que comecei a me socializar com os novos colegas, no dia da festa eu estava tão feliz que não queria por nada ir embora.

No ano seguinte já no Jardim II fui para uma escola que ficava em outro bairro, estudei até a 6ª série lá, a Escola São José me marcou muito, ela era uma escola católica e assim como as outras, também particular. Meu Jardim II foi muito bom, comecei a conhecer novas pessoas e uma professora que me marcou muito ela é a Tia Socorrinha. Ela me ensinou muitas coisas desde o ABC que já tinha noção até os números de 1 a 100, sem contar outras coisas. Minha escola era muito rígida, eram dois prédios, em um ficava a educação infantil e no outro o ensino fundamental. Na parte infantil, não tinha parquinho, não tinha brinquedos, mas eu adorava lá, era tudo tão diferente para mim que eu achava aquilo interessante. Nesse ano participei da minha primeira feira de ciências, o tema era sobre a família real, eu realizei o sonho de ser princesa, representei uma das nobrezas da corte imperial, foi uma experiência incrível.

Então fui para a alfabetização, o fato mais marcante dessa época foi na feira de ciências ter representado uma menina de rua. Foi um papel bem marcante,

na época não tinha muita noção de quem eu estava representando, mas sem dúvidas hoje eu entendo a importância de não esconder das crianças a realidade do mundo.

Ensino Fundamental

Então, fui à primeira série, lembro que tinha 6 anos e deparei-me com o outro prédio da escola, tinha medo de me perder, e sempre ficava próxima do meu irmão (este estudava lá também). A minha professora era a minha paixão, achava ela linda, muito meiga, e ela gostava do que fazia, a Tia Janaína, foi sem dúvidas uma das melhores professoras que já tive. Lembro que minha turma tinha 12 alunos e eu estudava no turno vespertino. Eu tinha aulas de inglês e de filme, mas o filme era sempre o mesmo, O Rei Leão. Nesse mesmo ano participei da minha segunda festa junina, dancei a música Xote das Meninas de Luiz Gonzaga, foi um momento fantástico, lembro que meu par era minha boneca, e a cena da dança nunca saiu da minha cabeça.

Na segunda série, continuei tendo aula com a Tia Janaína, fiquei imensamente feliz por isso, neste ano a minha sala ficava no meio do bloco e minha carteira ficava ao lado da janela, eu adorava ver as pessoas passarem. Lembro que nesse ano na feira de ciências da escola, nós falamos sobre os índios, foi divertido, a minha roupa foi feita com penas de galinha e foi eleita a fantasia mais bonita de todas. No período da semana santa aconteceu um fato que me deixou assustada, acredito que não só a mim, mas a muitas pessoas, a escola ficava em uma quadra residencial, na rua de trás da escola ficava a casa dos meus avós paternos e ao lado tinha um casarão, neste morava uma família que aparentemente era bem feliz, na segunda feira santa, tive prova na escola e quando cheguei às redondezas da mesma, havia muita gente e muitos carros de polícia, claro ninguém me contou nada na hora, mas depois com os comentários soube que o patriarca da casa havia morrido com um tiro, tempos depois informaram que ele se suicidou, mas para mim foi assustador aquela cena.

Minha terceira e quarta série foram meus primeiros anos rebeldes dentro da escola, lembro que era na época da banda Rouge e a banda tinha 5 integrantes e a minha sala tinham 6 meninas, incluindo eu. Como meninas de 8 e 9 anos, as fofocas eram inevitáveis e o resultado disso foi que sempre uma menina era

excluída do grupo e quando era excluída nenhuma das outras podia se comunicar com a que estava de fora. Claro, eu excluí muitas meninas, até que um dia, o feitiço virou contra o feiticeiro e quem ficou de fora fui eu. Não admitia nem um pouco aquela situação, achei absurdo, mas como sempre me virei. Fiquei amiga dos meninos e não fiquei sozinha, só que não podia deixar por aquilo mesmo, então, comecei a aprontar, fazia fofuquinha sobre as meninas, escondia objeto de uma na mochila da outra, fiz uma confusão enorme até que um belo dia, fui encaminhada para a direção junto com todas as outras, mas a diretora só nos deu um sermão.

Então veio a quinta série, essa foi a pedra no meu sapado, não conseguia me adaptar com os professores, era revoltada, não gostava de assistir as aulas e o resultado disso foi a minha primeira nota baixa da vida, um 4 em matemática, nota 4 e nota 0 em uma prova no lugar onde eu estudava tinham o mesmo valor. Sempre fui uma aluna exemplar, sempre tive em todas as matérias médias 8, 9 e 10, nunca menos e então, veio o 4. Fiquei muito preocupada, mas meu professor me ajudou, conversou comigo primeiro, falou que eu tinha que mudar minha atitude, que agora eu era responsável pelos meus atos e eu não podia continuar daquela forma, então depois conversou com os meus pais e por sorte eles foram bem compreensivos comigo, depois desse dia me dediquei ainda mais e consegui meu posto de melhor aluna de volta.

A sexta série começou normal, eu tinha um ótimo professor de português, a professora mais surpreendente que já tive de história e tudo ia normal até o meio do ano quando soube da notícia de que iria morar em Brasília. Minha mãe acabava de passar em um concurso público e claro, ela não iria abrir mão disso, então, fui surpreendida com a notícia. Meu desespero foi latente, não só o meu, mas o do meu irmão também, já estávamos acostumados com aquelas pessoas, com o nosso cotidiano, e foi preciso muita conversa para eu poder aceitar o fato. Já que teria apenas a outra metade do ano com os amigos, aproveitei o máximo que pude, fiz realmente tudo aquilo valer a pena e o resultado disso foi uma festa surpresa de despedida que fizeram para mim. Até hoje tenho muito carinho pelos meus amigos que apesar de longe continuam muito presentes na minha vida, graças a Deus posso dizer que direta ou indiretamente cada momento valeu muito a pena.

Vida nova, tudo novo, lugar novo, os únicos “conhecidos” eram os meus inúmeros primos e tios, claro que no começo tudo foi uma maravilha, até o meu primeiro dia de aula. Deparei-me com uma escola pública, sinceramente e do fundo do coração, nunca tinha ouvido falar em escola pública, literalmente não sabia que existia. Fui estudar no Centro de Ensino Fundamental 05 de Brasília, mais conhecido como 408 sul. A escola era minúscula, não tinha a mínima aparência de escola para mim e o que mais me chocou foi, ver uma menina da minha idade grávida, não acreditava no que eu via, achava impossível, fora do comum, tudo menos normal e para minha surpresa, aquilo sim era normal, tão normal que nesse mesmo dia encontrei mais 5 meninas da minha idade grávidas. Minha adaptação não foi nem de longe fácil, era tudo novo para mim, eu chorava todo dia em casa e minha mãe ficava muito aflita, até que com o tempo fui me acostumando, fui aprendendo a tirar proveito do que acontecia e assim fiz da minha sétima série uma experiência significativa.

Fui para a oitava série, preocupação de “ano que vem é ensino médio” e “vou sentir falta dessa escola”. Sim, já me sentia tão adaptada que gostava da escola. Lembro que nesse ano Brasília foi eleita cidade-sede da copa de 2014, e teve um evento para a divulgação da notícia, nesse evento minha escola foi convidada a estar presente e lembro que fomos ao estádio Mané Garrincha presenciar o fato.

Meu ensino fundamental foi turbulento, muitas mudanças, porém, extremamente produtivo, gerou para mim muitas experiências.

Ensino Médio

Então chegou o tão sonhado ensino médio, estudei os três anos no Centro de Ensino Médio Setor Leste. Meu primeiro ano foi uma bagunça, os professores não eram interessados, só queriam saber de deixar os alunos a vontade, não davam aulas direito e o resultado disso na minha vida foi que aproveitei muito mais para ficar na quadra esportiva conversando com os amigos do que dentro de sala tendo aula. Recordo-me que 3 vezes na semana pelo menos os três últimos horários das aulas eu ficava na quadra conversando com meus amigos, entretanto, apesar disso minhas notas eram ótimas, acredito até hoje que os

professores nos davam aleatoriamente uma nota porque ninguém tinha média para passar de ano letivo só com as notas das provas.

No ano seguinte estava eu no segundo ano do ensino médio, o comportamento era outro, enquanto no primeiro ano os professores não estavam nem ai, no segundo ano os professores marcavam presença, exigiam responsabilidade da nossa parte e isso foi muito bem aceito, senti então que naquele momento os meus conceitos mudaram, foi um fato muito marcante para mim isso. Nesse ano tive a minha primeira responsabilidade mais concreta, fui uma das coordenadoras do sarau da escola, foi fantástico, porém muito cansativo, tive que ser muito responsável e tive a noção do quanto que o ser humano é complexo.

Último ano do ensino médio, a pressão começou a tomar conta de mim, não fazia a mínima ideia do que eu queria fazer e me sentia muito triste porque todos da minha sala já tinham certeza para qual curso que eles iriam prestar vestibular e eu não. Decidi que não prestaria vestibular no meio do ano só prestaria o do fim do ano até porque nunca quis entrar na Universidade de Brasília. Durante todo o meu terceiro ano tive a melhor equipe de professores, eles eram excelentes e gostavam do que faziam e a melhor parte era que eles não queriam só um bom resultado no vestibular, mas sim que pudéssemos levar nossos conhecimentos para toda vida.

Tenho ótimas recordações do meu tempo de ensino médio, realmente vivi tudo aquilo, o que aprendi nesse tempo internalizou em mim e sou muito grata por ter a oportunidade de ter vivenciado isso.

A UnB

Como já citado, nunca tive nenhuma vontade de estudar na UnB, os contatos que eu tinha feito com a instituição foram suficientes para não ter nenhuma simpatia por ela. Fiquei sabendo que tinha passado no vestibular um dia depois do resultado, confesso que para minha surpresa fiquei feliz, foi engraçado, acredito que fiquei mais feliz pelos meus pais do que por mim mesma. Como meu irmão já estudava na instituição eu nem de longe poderia pensar na hipótese de não assumir a vaga, e lá fui eu estudar em um lugar no qual não me simpatizava.

No começo foi um pouco complicado para mim, uma vida nova e sem contar que a escolha pelo curso foi feita porque uma amiga minha falou que o sonho dela era ser pedagoga e como eu tinha afinidade com crianças eu deveria fazer também, o resultado foi que eu passei e ela não. Então, estava eu em um curso que não sabia de nada e em um lugar que eu não gostava, mas com o tempo e com as amizades meu ponto de vista foi mudando.

Aos poucos fui gostando do curso, me acostumando com o lugar, com os professores e assim fui trilhando a minha caminhada. Confesso que teve matérias que eu não aprendi nada, não me interessava pelo assunto, mas a grande maioria eu aprendi e vivenciei.

Existiram disciplinas que me fizeram gostar aos poucos da pedagogia, projetos e palestras onde me sentia completamente inserida nesse meio. Porém, como sempre na vida temos altos e baixos e não poderia ser diferente comigo, antes do meio do curso senti a crise que me fez pensar muitas vezes em abandonar o curso, mas como sabia que não teria em mente outro curso para fazer decidi continuar.

E nessas idas vindas de desistir ou não me deparo aqui escrevendo meu memorial, da minha monografia, ou seja, acho que consegui.

Posso destacar dentro dos meus 8 semestres na universidade, disciplinas que foram norteadoras para o desenvolvimento do meu trabalho. Desde o primeiro semestre até hoje. Disciplinas como oficina vivencial, antropologia da educação, investigação filosófica, sociologia da educação, educação do campo, psicologia da educação, tópicos especiais em psicologia da educação, jogo lúdico e educação física e programas preventivos os quais foram fundamentais para em um primeiro momento começar a compreender o outro, a me por no lugar do outro, a aceitar as diferenças existentes nas formas de ensinar, me desprendendo do tradicionalismo e principalmente, ampliando minha visão para novas formas de aprender e ensinar. Num segundo momento, já com mais maturidade, posso entender claramente que essas disciplinas tornaram-se importantes por me proporcionar sair do mundo fechado a qual me encontrava, e perceber um ambiente cercado de novidades, de diferenças, de descobertas.

Destaco também a oportunidade de todos os projetos que fiz e em especial o projeto de economia solidária, que me proporcionou experiências surpreendentes, embora tenha sido desenvolvida dentro de um ambiente escolar tradicional. Trabalhar no ambiente escolar me trouxe aos poucos maturidade. Trabalhar na correria do dia a dia de uma escola é complicado, mas, foi a partir dessas experiências que comecei a compreender que realmente na teoria tudo é muito mais bonito e que a aplicação na prática de uma boa parte das coisas são bem mais complicadas.

O que considero mais marcante desse processo todo foram as duas experiências que me proporcionaram de por em prática tudo que aprendi na teoria dentro da faculdade. Fiz estágio em duas grandes escolas, que me proporcionaram conclusões e sentimentos diferentes. Na primeira saí com um sentimento de tristeza, pois, nunca era reconhecida por nada que fazia na instituição, não tinha apoio de coordenação e muito raramente a professora me proporcionava momentos em que pudesse ficar só com a turma. Já na segunda instituição tive um sentimento oposto, era reconhecida apesar do grau de hierarquia que existia, a professora me dava muito apoio, me incentivava e pude aprender muito com tudo isso e assim fazer meus relatos de experiências que serão relatados logo mais a frente.

Estas experiências que serão relatadas são fruto de uma prática presente dentro de sala. Como estou atuante na educação infantil há quase dois anos, tudo o que observei e presenciei busquei trazer para este trabalho como forma de amadurecê-lo, tornando-o mais rico. Busquei com isso também, trazer na pesquisa, um caso de uma aluna que possui uma dificuldade no seu processo de socialização e quis através disso trabalhar a possibilidade da afetividade ser um auxiliador no desenvolvimento desse processo, pois, acredito na importância deste tema e principalmente que pode ser possível a realização de um trabalho com o mesmo.

Parte II: Monografia

Afetividade na Educação Infantil

CAPÍTULO I – Reflexões teóricas sobre a Afetividade na Educação Infantil

Neste capítulo, serão abordados os conceitos de afetividade na educação infantil, a relação existente entre estes temas fundamentais para o desenvolvimento do trabalho e como os mesmos estão aplicados na legislação brasileira.

1.1 Relações entre afetividade na educação infantil.

As relações de afetividade tanto no âmbito escolar quanto no familiar chamam atenção. A afetividade está presente no processo de aprendizagem, principalmente na educação infantil, pois é nessa fase onde o indivíduo começa se constituir como cidadão.

Para a pedagoga Almeida (2008) “afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões.”

Ainda segundo Wallon (apud ALMEIDA 2008 p. 351) “Wallon sugere sua evolução ao mostrar que a afetividade se desenvolve em um processo que, se inicialmente tem forte componente orgânico (a chamada afetividade orgânica), posteriormente incorpora cada vez mais o fator social (a afetividade moral).”

A afetividade é essencial nas relações humanas e dentro da escola o educando é um sujeito em sua fase de formação, com suas características peculiares e que principalmente precisa de educação e cuidados que favoreçam o seu crescimento e a sua constituição como indivíduo, mas a relação com os pais também é fundamental, já que em grande parte das vezes a vida afetiva das crianças começam no seio familiar. Cabe não só a escola, mas a família também aflorar essa afetividade, ser uma ponte e um porto seguro da criança que é a grande afetada quando existe essa ausência.

Afetividade é um termo que trás certa dificuldade para a real definição do seu significado, pois, apresenta uma diversidade de termos, mas podemos citar, segundo o verbete no Dicionário Aurélio (1984) afetividade apresenta como significado:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Sendo assim, faço então duas indagações, a primeira questionando qual a importância do educador dentro do processo de desenvolvimento da afetividade na educação infantil e a segunda qual o lugar que a afetividade ocupa no ambiente escolar.

Para Guillot (2008, p. 12), “o professor é um mediador entre os valores éticos universais, entre a criança e a lei, entre a criança e a aprendizagem, entre a criança e a ação”.

A criança precisa de amor e reconhecimento por parte do educador, entretanto a afetividade não é apenas uma demonstração de afeto ou carinho é necessário que se faça um compromisso e uma ética profissional, onde o professor entenda o aluno.

O professor ao investir no afeto e nas inúmeras relações que ele estabelece, constituirá não só o físico de um ser humano, mas a cima de tudo um homem que é capaz de criar, de inovar, de descobrir. Assim, a educação não pode ser pensada pela sua diversidade de disciplinas, mas como meio de promover a vida, fazendo com que o aluno aproprie-se dela.

Freinet (apud ELIAS 1997 p. 38) afirma que

A criança traz em si os germes para o próprio desenvolvimento e realização. Basta o educador dar-lhe a palavra e proporcionar os meios para manifestar-se. Assim, a criança vai querer expressar-se. (...) Os conhecimentos das crianças, adquiridos nas trocas e cooperação mútua, são os pilares na construção de uma escola viva: a Escola Moderna.

Podemos entender que afeto é desenvolvido no ser humano no mesmo sentido que a cognição ou a inteligência. As experiências são necessárias para o desenvolvimento dos sentimentos. Assim, o mundo infantil torna-se influenciado pela

interação com o outro, deste modo à base para as relações sociais é a reciprocidade de valores e atitudes entre as crianças e o mundo.

De acordo com Freinet (apud ELIAS 1997 p. 37)

O professor deve buscar e encontrar as soluções para um bom trabalho, ou seja, a libertação pedagógica cabe aos próprios educadores.

O educador quando compreende que a afetividade é um elemento fundamental para a prática pedagógica e entende que é com base na afetividade que a criança desenvolve a autonomia e a inter-relação com o ambiente e com as pessoas que envolvem o meio em que constrói o seu conhecimento, o professor se torna um mediador, entre os objetos de conhecimento e a criança, fazendo com que haja a articulação das capacidades afetivas, emocionais, cognitivas, sociais, etc.

O verdadeiro educador segundo Freinet (apud ELIAS 1997) deve ter paciência para descobrir as tendências naturais das crianças, deve ser suficientemente sensível para acompanhar o crescimento e o desenvolvimento do seu educando sem esquecer-se jamais das riquezas que a infância trás.

Acreditando nesse papel que o educador deve exercer, podemos citar segundo Freinet (apud ELIAS 1997 p. 40)

Não se deve ter pressa. Se o educador não tiver paciência, não der tempo para o aluno assimilar os conteúdos, não fará mais que um trabalho de superfície, o qual não só pode ser inútil como perigoso.

O professor deve ser comprometido com suas práticas educacionais, deve tornar-se um aprendiz, capaz de saber refletir sobre suas atitudes, suas propostas, ser sensível, saber dialogar, tanto com a família, com o grupo de outros professores, mas principalmente com as crianças já que são essas o seu grande foco.

Quando o educador reconhece e tem a sensibilidade de entender que a criança precisa de carinho, atenção, de ser reconhecida e que ela não vai à escola apenas para aprender, mas para vivenciar o aprendizado, torna mais significativa sua função de pedagogo que acima de tudo é orientar o educando para o futuro. O vínculo que é formado na inter-relação professor-grupo é constante e cabe ao

professor tornar essa proximidade afetiva possível, pois é por meio dessa proximidade que pode ser desenvolvida as construções de conhecimentos.

Isso se explica na afirmação de Elias (1997 p. 54) quando diz que:

O professor que dá apoio a seus alunos, desempenhando o papel de catalisador e de confidente, ajuda-os a vencer obstáculos, ter iniciativa e conservar o entusiasmo, proporcionando-lhes maiores oportunidades de triunfo na vida.

Pode-se dizer que o educador deve entender que cada idade compreende um modo diferente de sentir o mundo, seu pensamento, sua maturidade corresponde a fases que não pode ser esquecidas, então, cabe ao professor ter a sensibilidade de perceber os interesses das crianças e que suas fases devem ser vivenciadas.

Segundo a visão de Rousseau (1995), a relação entre professor e educando deve ser constituída por bases afetivas, pois, esses dois, conviveram uma boa parte do tempo juntos, então, é necessário que exista esse vínculo, proporcionando assim, um bom desenvolvimento tanto do educador quanto do educando.

Ainda, para Rousseau, o professor deve proporcionar meios para o que indivíduo se encontre em relação a sua formação, promovendo uma neutralidade, afim de que não induzi-lo a uma determinada escolha e preparando-o para ser independente e disposto de autonomia.

Já que o educador deve ter a sensibilidade de entender que a criança tem suas etapas e que estas devem ser levadas em conta, então qual é o lugar da afetividade dentro da escola?

A escola tem um papel importante nesse processo e na valorização do mesmo, e dentro de sala de aula é importante que se utilize de recursos que proporcione esse desenvolvimento.

Elias (1997) explica que: Quando a criança percebe que a escola continua a vida, vem para a aula com os olhos vivos, a boca confiante, as mãos cheias das riquezas que a fizeram parar pelo caminho.

Assim, quando a escola se torna uma continuação da vida do educando, este se abre inteiramente para os prazeres que esse ambiente pode lhe proporcionar, encorajando-o a trilhar os seus próprios caminhos.

Paulo Freire (1996) contribui afirmando que no processo de educação não existe educando e educador, pois os dois exercem a mesma atividade. É na troca de conhecimentos que passamos a nos educar e a todo o momento estamos fazendo isso e quando entendemos isso passamos a praticar o ato do diálogo.

Afirma Fernández Enguita (1990):

“A escola é um cenário permanente de conflitos (...) o que acontece na aula é o resultado de um processo de negociação informal que se situa em algum lugar intermediário entre o que o professor/a ou a instituição escolar querem que os alunos/as façam e o que estes estão dispostos a fazer.”(Fernández Enguita, 1990, p. 147)

É nesse sentido que vemos na escola os espaços onde se concentram as relativas autonomias que podem e são utilizadas muitas vezes e é nesse uso da autonomia que o processo de socialização acontece, este que é um movimento de negociação.

O papel da escola é muito semelhante ao papel do educador, é fundamental que o aluno se sinta acolhido, principalmente porque a escola é de alguma forma o primeiro contato longe da família com um mundo estranho, então, a escola deve ser uma extensão do lar, assim a criança passa a ter o sentimento de pertencimento ao ambiente, passando a desenvolver vínculos afetivos com os que estão a sua volta.

A escola não só é lugar de transmissão de conhecimentos, mas influi nos processos de socialização, no desenvolvimento das relações afetivas. É no âmbito escolar que a criança se relaciona com muitas pessoas, essas com diferentes graus de conhecimento, é o âmbito que constitui um sistema social, que possui normas.

A escola faz parte da construção da personalidade, do entendimento do indivíduo em pertencer e ser do mundo, é na escola que é adquirido os modelos de aprendizagem, é lá que também são postas as incertezas, as expectativas, as perspectivas.

A entrada da criança e o seu percurso dentro do âmbito escolar constrói um acúmulo de experiências interessantes e fundamentalmente rico e é na escola que passamos anos de construção de conhecimentos para a vida.

Segundo a psicanálise de Saltini (2002),

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdo e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores (2002, p.15).

Infelizmente as escolas, estão cada vez mais preocupadas com o ranqueamento, com a quantidade de alunos que ela aprova, com os conteúdos que devem ser passados, do que com a preocupação de formar sujeitos morais, éticos, responsáveis, autônomos, solidários. A educação nos dias atuais está sendo levada para uma vertente distante da qual deveria está e quem mais sofre com isso são os estudantes.

Para Luccesi, (1984, p. 213):

O desenvolvimento do educando pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver. Educação tem que ser não o que pensar, mas sim como pensar. Para que isso ocorra com nossas crianças devemos propiciar um ambiente alegre, feliz e que possui um espaço para dialogar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para a construção do conhecimento significativo.

As crianças estabelecem vínculos afetivos tanto com os seus colegas, como com o professor, com os profissionais que os cercam, expressando os seus entendimentos e seus questionamentos, desenvolvendo assim suas próprias ideias.

O vínculo entre professor e educando é inevitável, principalmente nos anos iniciais. O aluno vê o educador como algo a quem copiar, pois, para ele o professor é a figura mais importante dentro da escola.

Os alunos gostam de professores que lhe agradem, que não seja uma autoridade e sim uma pessoa igual a eles, um professor que torne mais interessante o ensino e que consiga assimilar de forma clara a aprendizagem.

As condutas docentes necessitam combinar severidade e respeito, sem deixar de lado os laços afetivos. O professor deve conhecer os seus alunos, a sua família, o seu âmbito social para poder reconhecer os problemas que cercam aquele

discente. O professor tem em seu papel entender os sentimentos do aluno, entendendo-o como sujeito inteiro, buscando valorizá-lo, independente de sua classe social, gênero, cor, credo e grau de desenvolvimento.

Depois do contato de educação com a família, o professor é a primeira pessoa a qual a criança tem uma ligação, e essa relação deve ser moldada na afetividade, proporcionando ao aluno habilidades e intimidade para realização de um trabalho produtivo e de uma relação de respeito e confiança.

1.2 A afetividade promovendo a inclusão

A afetividade está presente no processo de aprendizagem, principalmente na educação infantil, pois é nessa fase onde o indivíduo se constitui cidadão. Freinet (apud ELIAS 1997, p. 50) afirma que o jardim de infância: “É o período da adaptação ou arrumação, no qual a criança não se contenta em conhecer por simples curiosidade.”

É nesse momento que a criança procura familiarizar-se com o mundo. É um período de adaptação no qual a mesma não se satisfaz em apenas conhecer, mas pretende arrumar-se nesse novo meio. Assim, a educação infantil, tem a responsabilidade de ser uma extensão do mundo a qual a criança está adaptada, um prolongamento do ambiente o qual tem uma familiaridade e por esse motivo deve ser um local aconchegante, pensado, também, nas suas necessidades e interesses.

Essa afirmação se explica nas palavras de Elias (1997, p. 45), quando diz:

Quando a criança entra na escola, precisa encontrar aí a continuação da sua vida no lar e não outro mundo, diferente, cheio de horários e deveres, com outro ritmo, outras regras as quais tem que se adaptar.

Para Freinet (apud ELIAS 1997) a afetividade é o elo entre as pessoas e o objeto de conhecimento, a sua pedagogia acredita que a aprendizagem é apoiada na curiosidade e na necessidade biológica de expressão e comunicação. Ainda em sua pedagógica, Freinet (apud ELIAS 1997) tem sua proposta em uma escola

inserida em meio à natureza porque assim a criança pode desenvolver a inteligência e familiarizar-se na prática com as primeiras práticas escolares.

Outra abordagem que contribui com a afetividade é a perspectiva de Wallon (1971). Para este a afetividade é o fator fundamental na constituição do sujeito, corresponde a primeira manifestação do psiquismo, propulsiona o desenvolvimento cognitivo. Desde pequeno o ser humano utiliza das emoções para comunicar-se com o mundo, através de movimentos de expressão.

Para o autor a afetividade vincula-se as sensibilidades internas e que são orientadas para o mundo, desta forma, a afetividade assume um papel fundamental para o desenvolvimento humano determinando os seus interesses e necessidades individuais.

Segundo Piaget, na sua teoria, no desenvolvimento intelectual faz-se presente dois componentes, o primeiro cognitivo e o segundo afetivo. O afeto inclui sentimentos, desejos, emoções, interesses. Para Piaget (1971, p. 271):

A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

O afeto é desenvolvido no ser humano no mesmo sentido que a cognição ou a inteligência. As experiências são necessárias para o desenvolvimento dos sentimentos, assim o mundo infantil torna-se influenciado pelas interações com os outros, deste modo à base para as relações sociais é a reciprocidade de valores e atitudes entre as crianças e os outros.

Ainda em Piaget, é importante explicar a importância do desenvolvimento moral da criança. Segundo o autor (1994), este desenvolvimento se divide em três estágios, sendo o primeiro a anomia, muito natural na criança pequena, pois, encontra-se egocêntrica ainda. As regras são cumpridas inconscientemente e algumas vezes regidas pelas necessidades básicas. No segundo estágio encontramos a heteronomia, aqui, independente da circunstância que levou a realização de determinada ação, o que importa é a obediência a autoridade. Podemos citar então, que para Piaget (1994, p. 34)

A regra é considerada como sagrada, intangível, de origem adulta e de essência eterna; toda a modificação proposta é considerada pela criança como uma transgressão.

Quando se desperta na criança o processo de reflexão sobre as regras, chegamos então ao terceiro estágio do seu desenvolvimento, a autonomia moral. Agora, independente da presença de autoridades, o indivíduo cumpre os seus deveres com consciência, entendendo o porquê e o para que do dever de realizar.

Uma criança em seu início de adaptação não começa apta a identificar-se com outras pessoas, é preciso uma elaboração gradual, fazendo com que essa passe a sentir o mundo externo e o mundo interior. Desta forma, a afetividade tem um papel fundamental no desenvolvimento humano, a integração entre afetividade e inteligência onde permite que a criança atinja níveis de evolução cada vez mais elevados.

A importância da afetividade no processo intelectual é apresentada por Hillal (1985, p. 18) como:

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

Assim quando a criança ingressa na escola torna-se mais evidente o papel da afetividade na relação professor-aluno. A criança entra na escola carregada de emoções, sentimentos e medo é aí que entra a importância de um pedagogo que envolva essa criança com carinho e compreensão para ajudá-la a envolver-se nesse novo universo.

É importante ressaltar a grande importância da afetividade, ela pode ser responsável pela superação dos medos, dos conflitos, das dificuldades que os educandos passam ao longo do seu processo educativo, além de ser um impulso para a formação de um bom cidadão.

Na perspectiva de Vygotsky (1998, p. 42):

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância

fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno.

Portanto, é importante salientar que um dos objetivos importantes da socialização é que as crianças aprendam considerar o que é correto em seu meio e o que é julgado incorreto, que possam se comportar de acordo com os valores morais que regem a sociedade. Isso é possível através dos processos de construção e interiorização dos valores.

Incorporando o processo de socialização, Palacios (1995) afirma que esta ocorre por intermédio de três processos, são eles: os processos mentais de socialização que correspondem ao conhecimento das normas, pessoas, valores, corresponde também à aprendizagem da linguagem e da obtenção de conhecimentos que são transmitidos através da escola; os processos afetivos de socialização, são consideradas as bases mais sólidas do desenvolvimento social da criança, correspondem ao apego (vínculo afetivo constituído com as pessoas que cuidam do indivíduo), a amizade e a empatia (compreensão do estado emocional do outro) e por último, os processos condutuais de socialização que envolve a obtenção das condutas consideradas desejáveis socialmente, evitando assim as que são consideradas como antissociais.

O processo de socialização é um processo de interatividade, de importância necessária para ao desenvolvimento, é um processo que tem o seu início com o nascimento e permanece ao longo da vida do indivíduo, é a interação entre a criança e o meio em que vive.

É possível entender assim, a importância do trabalho com o outro e como essa relação se faz importante tanto nos primeiros momentos da vida do indivíduo como em todo o seu desenvolvimento como ser humano. Também compreendemos, que o indivíduo interioriza os elementos que estão a sua volta e incorpora-os a sua personalidade proporcionando uma adaptação ao seu meio assim como a troca de conhecimentos.

1.3 Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS)

Buscando um melhor entendimento dentro dos parâmetros legais sobre a afetividade, é interessante analisar como a mesma está disposta dentro das leis. É

importante ressaltar que, independente de em alguns momentos as leis não explicitarem claramente sobre o termo afetividade ou os laços que se formam afetivamente, os inúmeros enunciados que se encontram dentro das leis se baseiam em preceitos em prol da formação de um ser humano de bem, tanto no âmbito social quanto no pessoal.

Essa afirmação se complementa na citação feita por Tartuce (2006, p.3) quando diz “mesmo não constando a palavra *afeto* no Texto Maior como um direito fundamental, podemos dizer que o *afeto* decorre da valorização constante da dignidade humana”

Tomando como base o artigo 3º da Lei 8.069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente compreendemos que:

“A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.”

Pensando em como a afetividade é trabalhada dentro do âmbito legal da educação, é importante analisar alguns artigos da Lei de Diretrizes e Bases e dos Parâmetros Curriculares.

Considerando o artigo 29 da LDB 9394/96 podemos citar que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Entendemos, pois, o primeiro passo dado pelo educando dentro do âmbito escolar requer muita atenção e compreensão para que seja possível proporcionar um desenvolvimento completo a este indivíduo.

Segundo o artigo 30º da seção II da LDB 9.394/96 a educação infantil deverá ser oferecida nas seguintes condições:

- I. Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II. pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

De acordo com o portal da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, educação infantil tem como alguns objetivos:

- Estabelecer vínculos afetivos e de troca entre adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente, valorizando atitudes que contribuem para a sua conservação.
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar.

Podemos concluir com os destaques acima a importância de permitir as crianças de ser o que realmente são e a necessidade de permitir espaços e oportunidades para que desenvolvam essa fase que é de grande importância para o seu desenvolvimento tanto a curto e principalmente a longo prazo. É notável ainda nos destaques a relevância que a afetividade tem no ambiente da educação infantil e o quão importante se faz para o fortalecimento de vínculos sociais e da própria autoestima.

É importante lembrar que a afetividade mesmo que não esteja explicitamente citada dentro do artigo, está diretamente ligada ao desenvolvimento da criança que se insere na educação infantil. Sendo assim, é de extrema importância que este tema seja trabalhado cotidianamente dentro da escola, para que a criança cada vez mais se sinta parte daquele todo e se sinta acolhida e capaz de realizar seus próprios passos.

Ainda na LDB é possível encontrar no artigo 22 a seguinte afirmação :

“A Educação Básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores.”

Compreendemos assim, a educação como papel fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, capaz de torna-lo um cidadão prudente e capaz.

Tomando como referência os Parâmetros Curriculares, é possível perceber a afetividade sendo explicitamente trabalhada. Segundo os PCNs (1998) “a criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas”. Então, fica claro a partir da citação a cima, que a criança merece toda atenção e cuidado, e a escola, como parte integrante da inserção do indivíduo na iniciação do conhecimento científico, tem o dever de proporcionar um acolhimento e aconchego do educando para que o mesmo seja capaz de se sentir realizado dentro do âmbito escolar.

É nesse enfoque que percebemos que a criança para se desenvolver precisa do outro, precisa dos laços afetivos, pois, a afetividade é um dos fatores que favorece o sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Com base nos conceitos apresentados e na relevância que se apresenta os temas, o próximo capítulo será a complementação da teoria, ou seja, a parte onde são aplicados todos os conceitos apresentados acima, porém, agora no ambiente prático, ou seja, no ambiente escolar.

CAPÍTULO II – PRÁTICA PEDAGÓGICA COM OS TERMOS DA AFETIVIDADE.

Neste segundo capítulo serão abordadas as práticas e as técnicas que foram utilizadas na pesquisa e os seus principais instrumentos utilizados. Será explicitado o tipo de pesquisa realizado, o perfil do sujeito da pesquisa e também uma compreensão de como a afetividade pode proporcionar a inclusão de uma criança com dificuldades de socialização na educação infantil, pressupondo dados aferidos pela experiência e participação efetiva da autora em sua prática pedagógica.

I. A metodologia da pesquisa

A pesquisa está apoiada no paradigma qualitativo e refere-se um estudo de caso, que teve como objetivo compreender como a afetividade pode proporcionar a socialização dentro do ambiente da educação infantil.

Como é um trabalho mais específico, o pesquisador tem a oportunidade do contato direto com o âmbito de pesquisa, podendo observar, colher dados, entrevistar, ter acesso a atividades e principalmente analisar.

O estudo de caso tem um campo de trabalho mais específico: é o estudo de um caso, sendo este sempre bem delimitado e de contornos claramente definidos. (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 44).

Para a realização deste estudo de caso, foram utilizados os instrumentos, diários de campo e observações participantes, os quais puderam ser aprofundados ao longo do período de um ano e sistematizados ao longo de dois meses.

O diário de campo consiste em um relato diário que é utilizado para registrar comentários, acontecimentos, reflexões a cerca de uma prática.

De acordo com Carvalho e Khaoule (2013) cf. Zabalza (2004 p.10), as autoras afirmam que “O diário de campo permite travar um dialogo consigo mesmo o que permite a racionalização dos itinerários vividos. É um instrumento de reflexão

que possibilita acessar com lucidez e ao mesmo tempo descarregar as tensões internas acumuladas”.

Ainda com referência a Carvalho e Khaoule (2013) cf. Zabalza (2004 p.10-11):

Nas práticas de campo, os diários possibilitam aos estudantes, em sua experiência na escola, uma maior consciência de suas ações. A reconstituição por escrito das experiências vividas na prática e das sensações ali experimentadas é uma forma de a experiência não se perder na memória.

Com relação às observações participantes, Queiroz, Souza, Vall e Vieira (2007) cf. Malinowski (1922) contribuem afirmando que:

A observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com o sujeito, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação.

A observação participante pode também ser conceituada como “o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo (May, 2001: 177)”.

Os dados desse estudo foram coletados semanalmente, exceto quando ocorria algum fato corriqueiro, por exemplo, quando o sujeito da pesquisa apresentava comportamentos extremos em uma única semana. E esses, serão relatados logo adiante.

II. A pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola particular, de classe média alta, católica, onde é pregado ensinamentos concepcionistas, ou seja, tem a busca pelo favorecimento da formação da pessoa capaz de influenciar na construção de uma sociedade justa e fraterna, por meio de valores humano-cristãos, como a solidariedade. Como já citado, esta pesquisa foi efetivada ao longo de toda experiência que a autora teve como atuante na educação infantil, somada com sua formação acadêmica. Assim uma parte da pesquisa foi aferida na prática pedagógica ao longo dos anos e a outra parte finalizada com um estudo de caso e

diários de campo sistematizados semanalmente, com exceção de alguns dias. A pesquisa teve a orientação da professora Sônia Marise, e teve seu início no projeto 3 fase 2. A autora fez os projetos nessa escola, pois, era estagiária da mesma e quis aproveitar o acesso aos dados para desenvolver a pesquisa. Realizou ainda nesta mesma instituição os projetos 3 fase 3 e 4 fases 1 e 2, estes, que renderam a concretização deste trabalho. Os relatos que serão apresentados foram realizados somente no seguimento da educação infantil, mais precisamente no ambiente de maternal II.

III. O sujeito da pesquisa

O sujeito da pesquisa deste estudo é uma menina, a qual será chamada de “A” para manter a preservação de sua integridade e possui 4 anos de idade.

O sujeito da pesquisa possui uma dificuldade de socialização tanto com os colegas de turma como com os professores, demonstrando muitas vezes preferencia pelo isolamento. É estudante também estudante do turno integral e é uma criança ingressante neste ano na escola. No seu histórico pessoal, possuía um tumor no cérebro que já foi removido, porém, que deixou uma sequela, está é caracterizada por uma crise de risos que dura em média, 15 segundos e que já foi comparada como uma crise epiléptica.

No seu histórico escolar, é uma criança que prefere não se manter como o centro das atenções, segundo os pais, possui um trauma de apresentações para o público, esta advinda da outra instituição na qual estudou. Não possui paciência para realizar as atividades sugeridas e para se manter sentada e acompanhando o momento das rodinhas.

É uma criança que até hoje em alguns dias possui uma resistência para entrar em sala de aula, não conversa com todos da turma, mas, conhece o nome de todos os alunos da sala, seus diálogos são curtos e diretos, é carinhosa, gosta de abraçar e beijar, entretanto, reage de forma negativa quando é impedida de realizar algo, ou se mordida ou se isola quando o fato acontece.

Gosta de brincar só na maior parte do tempo, no parque quase sempre brinca no mesmo brinquedo, uma casa amarela e em alguns momentos brinca

apenas com os alunos da outra turma, especialmente os que também são do turno integral. Apresenta sonolência, principalmente depois de suas crises de riso, quando fala da sua família, sempre apresenta o pai como o principal, é filha única e gosta de cantar.

2.1 Práticas Pedagógicas na Educação Infantil

Como dito anteriormente, as práticas foram realizadas no ambiente de maternal II dentro do seguimento da educação infantil, e foram sistematizadas no período de 01 de agosto de 2014 a 01 de outubro do mesmo ano.

Por ter feito um acompanhamento com “A” desde o começo do ano letivo, farei um breve resumo sobre o objeto de estudo dentro de sala de aula antes de começar com os relatos.

“A” é uma aluna que não demonstrou resistência a entrar em sala na primeira semana de aula, entretanto, no momento da rodinha inicial onde foram apresentadas as novas professoras e onde os alunos se apresentariam. “A” demonstrou resistência e não participou desse momento, a princípio quis se isolar, porém, a professora pediu para que ela permanecesse na roda mesmo sem falar.

Ao longo das semanas “A” nos deu um susto, teve sua primeira crise, a qual já foi relatada mais acima no texto, pois, nem a professora e nem eu, sabíamos como lidar com a situação, só que, como suas crises são rápidas, logo, nos acalmamos.

Como não se socializava com as outras crianças, “A”, preferia estar sempre só, mesmo quando fazíamos atividades onde tivesse ela que estar com outras crianças na mesa, logo que acabava se isolava, e não permitia abertura para conversas com ninguém. Nem no parque que é o momento onde se encontram as crianças dos dois maternais II e do maternal I, “A”, se demonstrava aberta para brincadeiras.

A maneira como “A” se comportava, agia e esse seu impulso pelo isolamento começaram a chamar a minha atenção, pois, me questionava se ela seria assim até o fim do ano, e se eu seria uma boa profissional se permitisse que

ela se tornasse uma pessoa que vivesse apenas no seu próprio mundo. Então, já que tinha em mente, desenvolver um trabalho sobre a afetividade na educação infantil, quis aprimorar o tema e estudar e tentar fazer uma ligação da afetividade proporcionando a socialização.

Desta maneira desenvolvi os diários de campo assim, tentando sempre apresentar a “A” formas de como se socializar com as outras crianças e isso através da afetividade.

2.1.1 – Relatos e Análises

Logo abaixo relato o diário de campo, embora em alguns momentos se torne repetitivo, busquei mostrar os fatos mais marcantes e demonstrar que tanto o educador como os próprios alunos podem fazer um processo de socialização, tendo como base o respeito ao próximo, a paciência em entender os limites do outro e a afetividade.

O primeiro registro sistematizado da primeira semana foi realizado apenas no dia 01 de agosto, pois, foi quando “A” retornou das férias. As aulas já haviam começado, porém, por conta das férias dos pais, “A” só retorna no dia 01. Apresentou muita resistência para entrar na sala, não queria conversar com ninguém, sentou na porta da sala, cruzou os braços e ficou. O pai começou a demonstrar irritação por conta da cena da filha, pedimos para que ele a deixasse lá, não forçasse a sua entrada, pois, no momento que ela se sentisse a vontade ela entraria. O pai foi embora e “A” chorou, mas não se levantou. Após todos estarem em sala e “A” ainda na porta, levei um brinquedo para mostrá-la e tentar uma abertura para conversar. “A” novamente resistiu à conversa, no entanto, pegou o brinquedo e entrou na sala.

Não participou do momento da rodinha, no parque brincou sozinha, a hora do lanche foi o único momento em que sentou com mais três colegas, no entanto, assim que terminou logo se isolou novamente, não realizou a atividade sugerida pela professora, e dormiu em sala até o momento em que sua professora do integral foi buscá-la.

É provável que neste primeiro momento, após o retorno das férias, a criança não se sinta novamente pertencente ao ambiente escolar. Foi importante ter dado um espaço para que se familiarizar novamente, e é importante que seja respeitado esse tempo que a criança necessita para se reestabelecer no ambiente escolar novamente.

Na segunda semana, referentes os dias 04 a 08 de agosto “A” apresentou resistência a entrar na sala e chegou atrasada todos os dias. Buscamos estratégias para que “A” entrasse em sala, então, pedíamos que os colegas fossem na porta, abrasassem e beijassem “A”, pegassem-na pela mão e levassem para sala, para demonstrar a ela que a mesma era parte integrante da sala e que todos queriam se aproximar dela.

Nos três primeiros dias a estratégia deu certo, porém, não funcionou nos últimos dois dias da semana, então, me prontifiquei a ir conversar com ela, busquei mostrar o que os alunos estavam fazendo dentro de sala, com que brinquedos eles estavam coletivamente brincando, e buscando retornar com ela o sentimento de pertencimento, nestes momentos a criança sorriu e ao se levantar entrou na sala.

Nos momentos da rodinha, não falava nada, apenas sentava em meu colo e permanecia até a hora do parque. No parque, diferente dos outros dias já começou a trocar algumas palavras com os alunos da outra turma, percebi que eram os mesmos que permaneciam no integral com ela. No retorno a sala escolhia sempre um lugar onde ficasse sozinha e não permitiu que nenhum outro colega sentasse junto a ela, dormiu, pois, apresentou muita sonolência após sua crise e acordou chorando, porque, não queria ir para o turno integral.

Durante a semana realizou as atividades sugeridas sem resistência, ver em apêndice algumas atividades da semana. Demonstrou até certo interesse em realizá-las, o que nos motivou muito.

Na terceira semana, referente aos dias 11 a 15 de agosto, “A” começa a se socializar com dois colegas da sala, não demonstrou resistência a entrar em sala, deu beijo no pai e se despediu, beijou e abraçou a professora e a mim, o que é rotina todos os alunos na entrada e na saída de sala fazerem, beijou e abraçou também os seus dois colegas que começou a conversar e depois que retirou sua

agenda, dirigiu-se a mesa onde estavam os dois colegas e perguntou: “-posso brincar com vocês?” os colegas riram e ao mesmo tempo disseram: “sim!”.

Durante a semana teve uma cozinha experimental, projeto realizado na escola de 15 em 15 dias com o intuito de demonstrar às crianças a transformação dos alimentos à medida que são misturados a outras substâncias. No dia do projeto a aluna chegou 25 minutos atrasada, mas entrou sorridente e cantarolando uma música, esta que foi ensinada pelo professor de música, ver em anexo a letra da música.

Apesar de todos os dias da semana “A” ter apresentado suas crises, em nenhum momento apresentou sonolência, participou das atividades sugeridas, e demonstrou um comportamento tranquilo durante a semana.

Neste momento é importante destacar os seus primeiros passos para aberturas de socialização, fica claro que ela já procura se aproximar dos colegas, embora sejam apenas dois, porém, já é um avanço. Busca se familiarizar, percebe a rotina que existe desde o começo do ano e começa a se sentir pertencente de todo aquele ambiente e como tal já faz uso dessa rotina.

A semana de 18 a 22 de agosto foi uma semana conturbada na sala. “A”, sentiu falta dos seus dois amigos assim que chegou à sala na segunda-feira, demonstrou muita resistência, fez birra para entrar na sala, chorou muito, então, intervimos. Juntamente com a professora procurei demonstrar a “A” que os outros colegas precisam dela, que querem brincar com ela, chamei um dos colegas para tentar fazer a aluna entrar na sala, com muita conversa e paciência conseguimos, levamos “A” no banheiro primeiramente para lavar o rosto. Todos da sala estavam apreensivos, pois, o choro de “A” foi muito alto, então, enquanto eu e a outra aluna estávamos no banheiro com “A”, a professora pediu que todos chamassem a aluna para brincar, o que aconteceu, porém, não demorou 10 minutos a aluna se isolou, procuramos então, deixá-la, para que quando se sentisse a vontade retomasse a brincadeira com os outros.

No parque brincou apenas com os alunos que permanecem no integral com ela, além de ter brincado a maior parte do tempo só.

Como os dois colegas coincidentemente só retornaram na quarta-feira, “A”, demonstrou irritabilidade dentro de sala na terça-feira, se manteve novamente isolada, não quis conversar, não realizou as atividades, até que na quarta-feira quando os amigos retornaram, “A” voltou a se manter calma, começou a dialogar, entretanto, apenas com os colegas, realizou as atividades sem problemas.

Fica claro neste momento que, a educanda tem retrocessos, e é notável que em certos momentos possua uma dependência de alguns colegas, e infelizmente nem sempre, mesmo com as intervenções, não foram suficientes para reverter essa situação. Então, foi de fundamental importância, os educadores novamente respeitar o espaço da aluna, dando liberdade para que ela, quando achasse que fosse o momento certo retornasse a se socializar.

Dando sequencia, a quinta semana, referente os dias de 25 a 29 de agosto. Nos três primeiros dias da semana a aluna demonstrou felicidade ao entrar na sala, despediu do pai normalmente, distribuiu beijos e abraços a professora e a mim, conversou um pouco na hora da rodinha, se manteve atenta a tudo que a professora falava. No parque começa a brincar com os outros colegas da sala, divide os brinquedos e espera sua vez para utilizar os objetos.

Em um desses dias desta semana após o lanche, havia atividade no livro, onde os alunos confeccionariam um cartão do dia dos pais, a aluna não demonstrou interesse em fazer a atividade, porém, quando viu que os colegas de turma estavam confeccionando, logo sentou e fez o seu.

Nos outros três dias da semana, “A” novamente demonstrou resistência a entrar na sala, independente de seus dois colegas estarem, demonstrou-se individualista nos momentos de brincadeira, o que gerou uma intervenção da professora, onde a mesma pediu que todos escutassem enquanto ela contava a eles uma história sobre divisão de brinquedos, história criada por ela. A aluna resistiu a fazer as atividades e impedia que os outros a fizessem, a professora sentou para intervir e “A” mordeu a educadora no braço, o que gerou a ida de ambas a sala de apoio educacional.

Após o incidente, A, retorna a sala com a orientadora e a professora depois de 15 minutos, pede desculpas aos colegas e a professora, senta-se e

realiza sua atividade, foi mandado bilhete na agenda dos pais para a ciência do fato aos mesmos. “A” em um dos dias da semana teve uma de suas crises e acabou dormindo.

A sexta semana, equivalente os dias de 01 a 05 de setembro, foi uma semana tranquila, em todos os dias, mesmo nos que “A” chegou atrasada. Não demonstrou resistência a entrar na sala e permaneceu sempre alegre e comunicativa.

Em todos os dias no parque, procurou brincar com os colegas da sala, em especial os dois colegas que a mesma fez amizade primeiro, soube dividir os brinquedos distribuídos durante o tempo do parque.

Na volta a sala, no momento do lanche intercalou durante os dias, sentar-se à mesa com os dois colegas e sentar-se à mesa com as meninas da turma, participou das atividades propostas, uma delas foi um desenho livre no papel camurça, porém, não soube descrever o que havia desenhado.

Na aula de educação física, a aluna esteve disposta a fazer as práticas sugeridas pelo professor, não chorou (fato que sempre aconteciam no momento da educação física). Observei um diálogo entre “A” e um de seus colegas, que será chamado de D também para preservar sua identidade, no momento em que o professor havia liberado os alunos para o momento de descontração após as atividades.

A situação do diálogo é a seguinte: todos os alunos brincavam então, “A” e “D” estavam sentados em um tapete que estava enrolado na lateral da quadra, quando “A” diz:

“- Papai senta aqui, vamos viajar agora!”

D: “- Já vou mamãe” (pausa de alguns segundos até D chegar ao tapete) “- Vamos!”

... (risos)

D levanta-se, porém A diz:

A: “- Volta aqui papai, ainda não chegamos!”

D senta, continua a brincadeira e percebe que os observo, então, dirige-se o olhar a mim e diz:

D: “Tia Luana” (pequena pausa) “ Eu e A, brincando”

D me dá um sorriso então, eu pergunto:

L: “Posso brincar com vocês também?”

Então A diz:

A: “Sim, pega lá a bola.”

Busquei a bola, porém, os dois já estão em outra brincadeira, então os deixei livres e não intervi mais.

Na semana dos dias 08 a 12 de setembro, “A” possui um comportamento muito bom, apesar de suas crises ela não apresenta sono, está se socializando cada vez mais com todos os colegas da turma, chama-os para brincar, participa da rodinha, sempre quando faz algo que não está nos combinados pede desculpas, ouve a professora e a mim, assim já não precisamos fazer tantas intervenções.

Em um breve diálogo comigo, “A” diz: “Tia Luana, posso ir brincar na casa do “D” hoje?” então respondo, “ ‘A’, primeiro você tem que pedir a seu pai, depois pedir que ele converse com o papai de “D”, para saber se pode, tudo bem?” “A”, fica triste e diz “tudo, vou pedir ao papai lindo.” Sorriu e depois saiu.

Fiquei feliz em saber que “A” demonstrou interesse em manter a amizade fora do âmbito escolar, senti que nesse momento todas as intervenções que fizemos, conversando, chamando os colegas para eles falarem com “A”, começaram a ter resultado.

Na semana de 15 a 19 de setembro, “A”, apresentou, exceto o dia que faltou, resistência a entrar na sala, sentou no chão, mas não chorou, entretanto, ficou em um diálogo solitário, então, após a entrada de todos na sala, fui ao encontro de “A”, sentei no chão ao seu lado e perguntei por que ela não queria entrar na sala, então, a aluna riu e me abraçou, me beijou, e com isso convidei-a para entrar na sala, dar um beijo bem gostoso na professora, então novamente ela sorriu, entrou e dirigiu-se a professora, e logo já estava brincando com os outros colegas.

Durante as atividades propostas em alguns dias da semana, “A”, cantou uma música também ensinada pelo professor de música. Ver no anexo a música. Ainda nas atividades, a aluna demonstrou-se cuidadosa e concentrada, algo que não acontecia, começou a ter paciência para pintar, o que gerou admiração até nos colegas.

Apresentou sonolência após suas crises, o que ocasionou o fato da aluna pedir o colchão da sala para dormir, e permaneceu lá até a hora que a professora do integral foi busca-la.

“A”, faltou duas vezes na nona semana de registro, esta referente os dias 22 a 26 de setembro, entretanto, nos dias que foi se mostrou feliz e sem resistência para entrar na sala, participa das atividades sem nenhum problema, no parque chama todos da sala para brincar com ela, embora sempre no fim, permaneça brincando só com dois colegas.

Suas crises começaram a ser mais intensas, o que nos preocupou, procuramos sempre estar por perto durante estas para se algum problema surgir podermos prestar algum socorro. Porém, após as crises a aluna volta ao normal e prossegue com o que estava fazendo e já não pede mais pra dormir.

Em um dos dias, no momento da brincadeira, “A”, pegou o brinquedo que uma colega estava utilizando, o que gerou um pequeno descontrole na sala, a colega chegou a professora e disse o que “A” havia feito e a mesma se dirigiu a aluna para pedir que devolvesse o brinquedo a colega, pois, não era certo ela pegar para brincar se não havia pedido, “A” então disse “ Não vou devolver, porque ela (apontando para a colega) não pediu por favor e tá errado.” Então, sugeri que a aluna pedisse educadamente a “A” que devolvesse o brinquedo, assim a aluna fez o pedido e “A” devolveu sem demonstrar remorso.

Nessa semana de 29 a 03 de setembro, infelizmente a aluna só foi em dois dias, na terça-feira e na quinta-feira o que deixou poucas coisas a relatar. A aluna continua se socializando ainda com os colegas, demonstrou um pouco de resistência a entrar na sala, mas em questão de segundos entrou. Brinca com todos os colegas, tanto em sala de aula quanto no parque. Realiza as atividades sem

resistência, e até reclama quando os outros colegas não estão fazendo como ela joga ser certo.

Após uma crise bem forte, “A”, demonstrou sonolência, porém não pediu o colchão, apenas abaixou a cabeça na mesa e dormiu. Como íamos a sala de vídeo então não a chamamos para deitar no colchão.

Para acordar “A”, foi preciso muita paciência e cautela, incentivei que a mesma acordasse, pois, a encaminharia para o colchão, resistiu, chorou, até que fui convencendo ela de que iríamos a sala de vídeo e lá ela poderia dormir sem problemas, a aluna, foi reclamando um pouco, mas quando chegou na sala, deitou-se, entretanto, assim que começou o filme, despertou e não quis mais dormir.

Após analisar o comportamento da aluna, desde seu primeiro dia de aula, até o último dia de observação, destaco como ponto positivo, a importante que a união que a turma teve em acolher a aluna, demonstrando interesse em mostrar a ela que todos são importantes dentro da turma, respeitando os seus limites e principalmente, demonstrando tranquilidade quando a educanda tinha suas crises, foi de fundamental importância para o bom desenvolvimento do trabalho.

Outro ponto positivo que vale ser exposto, é a maneira como as professoras agiram, respeitando o espaço da aluna, fazendo intervenções quando necessárias, buscando introduzi-la à medida que era possível na integração da turma, de forma que a mesma participasse apenas quando se sentisse segura.

Foi importante perceber que a medida que a aluna foi tendo confiança, ela começou a se expor mais, saiu do seu mundo de isolamento e começou a compartilhar o seu lado com os outros colegas.

Freinet em sua obra, *Pedagogia do Bom Senso* apresenta uma frase que exprime essa experiência relatada, demonstrando que é aos poucos e com paciência que os resultados aparecem. Assim, Freinet (2004 p. 21) diz:

Então bastará apresentar uma chama muito pequena, que a vida alimentará e ampliará, até inflamar o indivíduo inteiro. E essa chama devorará todos os materiais que se apresentarem, seja qual for a sua textura ou a ordem da sua aparição.

Os temas apresentados serviram como norteadores para o desenvolvimento do trabalho, buscando o envolvimento das crianças para temas que são indispensáveis dentro no ambiente da educação infantil e mostrando a elas a importância de ações que visem a construção de um ambiente propício para o um bom sucesso tanto no âmbito coletivo quanto no âmbito individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que os temas afetividade e socialização são fatores primordiais dentro do ambiente da educação infantil, por serem responsáveis por um bom desenvolvimento a curto e longo prazo, pois, uma criança bem acolhida e respeitada dentro de um ambiente que não é o seu meio familiar é fundamental para o seu bom rendimento.

Cabe ressaltar que é importante que a escola e os professores, tenham papel ativo, mostrando interesse, responsabilidade e principalmente abertura para entender as crianças, as suas fases, seus desejos e momentos, demonstrando a elas paciência e disponibilidade para ensinar e aprender em conjunto com as mesmas.

As ações e observações apresentadas neste trabalho só foram possíveis após estudo e reflexões que foram feitos sobre o tema, que foram fundamentais para o bom rendimento do trabalho, trazendo bases teóricas para fortalecer e auxiliar o seu desenvolvimento.

As propostas apresentadas por Freinet, que foram utilizadas ao longo do trabalho, serviram como fator de motivação para este e para um entendimento acerca das necessidades tanto de compreensão que o educador deve ter para tornar possível uma educação bem sucedida, pautada na mediação e não no autoritarismo como para o aluno entender que é possível expor suas ideias, os seus sentimentos sem receio de discriminação.

Foi possível observar por meio desse trabalho que é possível formar mesmo com pequenos gestos e ações, cidadãos, conscientes da importância do outro, que sejam abertos a ajudar, proporcionando um relacionamento sadio através da socialização, buscando interagir com o outro e demonstrando a esse o quanto importante ele é para o grupo.

É claro que um trabalho voltado para essa compreensão só se solidifica quando o educador e a escola se mostram dispostos a agir de tal maneira, porém, infelizmente ainda caminhamos a passos curtos para esse desenvolvimento. Fica evidente que em uma sociedade cada vez mais individualista, atitudes como essas

se tornam distantes de se concretizar, pois, o ideal que está sendo pregado dia após dia é que a criança deve aceitar o que o professor diz e faz, sem questionar ou expor sua opinião, pois, é apenas uma criança e como tal seus desejos são mínimos e irrelevantes. Outro problema é que os professores estão cada dia mais sobrecarregados, de materiais e conteúdos que devem passar às crianças, esquecendo que estas são seres que precisam vivenciar essa fase tão importante para um desenvolvimento bem sucedido.

Há muito a ser trabalhado ainda, mas com força de vontade, coragem e paciência é possível fazer um trabalho que renda muitos frutos e um crescimento a todos que estão nesse meio, proporcionando um ambiente solidário em que todos busquem um bem comum.

Este trabalho buscou por meio das reflexões e práticas apresentar uma maneira possível de desenvolver os temas da afetividade e socialização, demonstrando que com consciência é interessante fazer um trabalho em prol de um crescimento coletivo.

Parte III:
Perspectiva Profissional

PERSPECTIVAS

É incrível como um curso que aparentemente não surgiu do meu interesse principal, pudesse mudar minha concepção de tudo, de vida, de ideologia, de futuro e, categoricamente da educação. O curso proporcionou-me diversas inquietações e reflexões e principalmente a mudança e aceitação de uma nova perspectiva de visão de mundo.

Sempre tive uma admiração imensa quando pensava nos profissionais da educação, claro os que são comprometidos, e nunca me imaginei sendo uma profissional como os que admirei em toda a minha vida acadêmica. Acredito que o curso de pedagogia e os estágios que fiz em muitos momentos me proporcionaram uma grande redescoberta.

Tendo em vista tudo o que vivi, sinceramente, tenho como perspectivas atuar na área, apesar de saber de todas as dificuldades, mas acredito em uma educação renovada, que traga realmente sentido e significado para cada um dos educandos.

Penso que um educador deve estar sempre se atualizando, até porque os alunos atuais estão inseridos em uma geração tecnológica onde tudo é bem evoluído e rápido e se o educador não estiver preparado para isso certamente irá proporcionar uma educação aquém da realidade dos seus alunos.

Por fim, acredito profundamente que a afetividade é um fator primordial dentro da educação, aceitar o aluno, ouvir, pensar nele e com ele é fundamental para uma socialização e para um futuro brilhante tanto do professor quanto do aluno. Permitir que a criança seja o que realmente ela é, ou seja, criança, é o ponto de partida para o desenvolvimento de um trabalho excepcional. Freinet (2004 p. 24) afirma:

"Se você não voltar a ser como uma criança..." não entrará no reino encantado da pedagogia... Em vez de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com os alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea. Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você

não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fosse mais favorável, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso.

E é acreditando nisso que percebo a importância de permitir que o aluno faça suas descobertas, proporcionando ambientes e momentos em que eles sejam o que eles são, sendo assim a minha futura missão como educadora, estar sempre mediando e me mantendo aberta para compreender meus alunos, tornando-me um exemplo de compreensão e apoio a eles.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marlene aparecida Viana. **A função da escola no processo de socialização dos sujeitos.** Disponível em <<http://amigonerd.net/sociais-aplicadas/pedagogia/a-funcao-da-escola-no-processo-de-socializacao-dos-sujeitos>> Acesso em 15 de novembro de 2013.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A Afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon.** Rev. Fac. Educ. UFG, 2008.

AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. **Afetividade na Educação Infantil.** Disponível em <http://revista.univar.edu.br/downloads/afetividade_educacao_infantil.pdf> Acesso em 15 de novembro de 2013.

BEZERRA, Ricardo José Lima. **AFETIVIDADE COMO CONDIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM: HENRI WALLON E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA A PARTIR DA EMOÇÃO.** Disponível em <<http://www.seer.furg.br/redsis/article/view/1219/515>> Acesso em 15 de novembro de 2013.

BORSA, Juliane Callegaro. **O Papel da Escola no Processo de Socialização Infantil.** Disponível em <

<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>> Acesso em 15 de novembro de 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação fundamental **Referencial Curricular para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, 1998. (vol.1-3. Conhecimento de mundo).

CARVALHO, Arlete Maria de; FARIA, Moacir Alves de. **A Construção do Afeto na Educação.** Disponível em <<http://www.facsaooroque.br/novo/publicacoes/pdfs/arlete.pdf>> Acesso em 15 de novembro de 2013.

DIAS, Marli Mendes. **O lugar da afetividade no cotidiano escolar.** Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0117> Acesso em 15 de novembro de 2013.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação.** Petrópolis, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** 1ª ed. 1984.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso.** 7ª ed. São Paulo, 2004.

FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GÓMEZ, A. I. Pérez; SACRISTÁN J. Gimeno. **Compreender e Transformar o Ensino**. Disponível em <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YlOulpjQKAMC&oi=fnd&pg=PA5&dq=Vygotsky+e+a+socializa%C3%A7%C3%A3o&ots=se2nRSjO_C&sig=n3Yjga2D_VJ0BOiHBqeXSfRX6GA#v=onepage&q&f=false> Acesso em 15 de novembro de 2013.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. **O conceito de “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead**. Ed. Soc, Campinas, vol 29, n. 102, p. 33-54, jan/abr. 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

GUILLOT, Gerard. **Artigo, Revista Pátio nº 17**, 2008.

HILLAL, Josephina. **Relação professor – aluno: formação do homem consciente**. São Paulo: Paulinas, 1985.

KHAOULE, Anna Maria Kovacs; CARVALHO, Euzébio Fernandes de. **Diários de campo como possibilidade de pesquisa na formação de professores**. Iporá – GO. 2013.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia da administração**. São Paulo: Atlas, 1996.

LEI nº. 9.394/96 – **Das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Dezembro de 1996 (Artigos. 22 e 29).

LUCKESI, C. C (1984) **Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo**. Tecnologia Educacional, no. 61, Nov-Dev, 6-15.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99.p

MAY, T. **Pesquisa Social. Questões, métodos e processos**. 2001. Porto Alegre, Artemed.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro:

Melhoramentos, 2008.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho,**

imagem e representação. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

PIAGET, Jean. **O juízo moral da criança**, 3ª. Ed. São Paulo: Summus, 1994.

QUEIROZ, Danielle Teixeira, VALL; Janaina; SOUZA, Ângela Maria Alves e; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. **Observação Participativa na Pesquisa Qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde.** Rio de Janeiro, 2007.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martin Fontes, 1995.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação.** 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA, Natália Moreira de; WECHSLER, Amanda Muglia. **Reflexões sobre a teoria piagetiana: o estágio operatório concreto.** *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade.* Bebedouro – SP, 2014.

UÉDEL, **Conceitos de afetividade.** UFRGS-UNIVIMA, disponível em: <
orientacaounivima2008.pbworks.com/w/page/8543070/CONCEITO%20DE%20AFETIVIDADE%20-%20U%C3%A9del. >

WALLON, H. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Difusão Européia do livro, 1971.

WINNICOTT, D.W. **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionario da Lingua Portuguesa.* 2000.

APÊNDICE

Imagem 1 – 15 de setembro de 2014

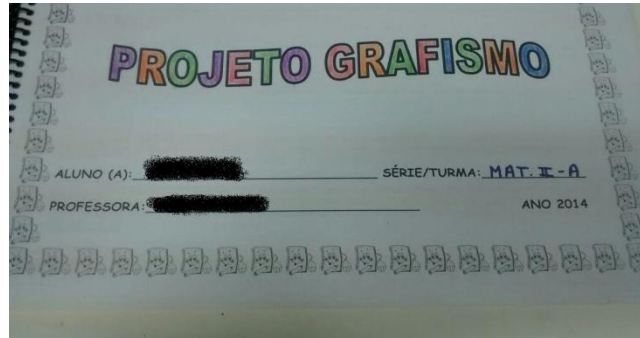


Imagem 2 – 15 de setembro de 2014



Imagem 3 – 15 de setembro de 2014



Imagem 4 – 15 de setembro de 2014



Imagem 5 - 15 de setembro de 2014



Imagem 6 – 15 de setembro de 2014



Imagem 7 – 15 de setembro de 2014

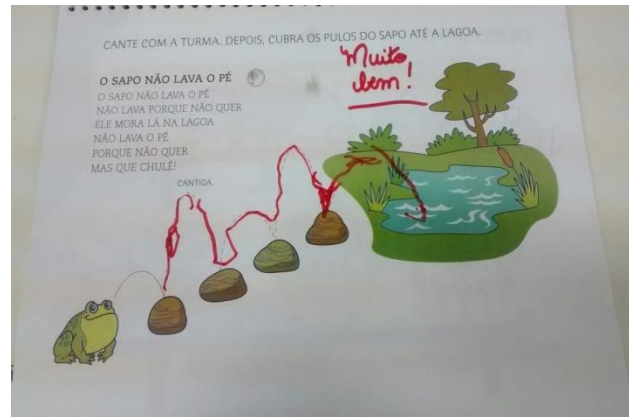


Imagem 8 – 15 de setembro de 2014

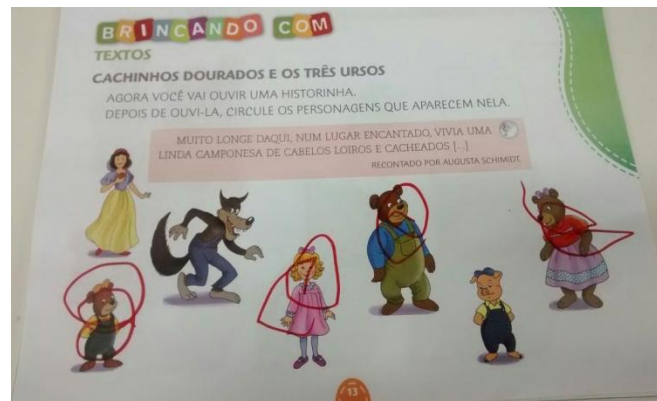


Imagem 9 – 15 de setembro de 2014



Imagem 10 – 15 de setembro de 2014



Imagem 11 – 15 de setembro de 2014



Imagem 12 – 15 de setembro de 2014



ANEXOS

É BOM SER CRIANÇA (Toquinho)

É bom ser criança
Ter de todos atenção
Da mamãe, carinho
Do papai, proteção,
É tão bom se divertir
E não ter que trabalhar
Só comer, crescer, dormir, brincar
É bom ser criança
Isso às vezes nos convém
Nós temos direitos
Que gente grande não tem
Só brincar, brincar, brincar
Sem pensar no boletim
Bem que isso podia nunca mais ter fim
É bom ser criança
E não ter que se preocupar
Com a conta no banco
Nem com filhos pra criar
É tão bom não ter que ter
Prestações pra se pagar
Só comer, crescer, dormir, brincar
É tão bom ser criança
Ter amigos de montão
Fazer cross saltando
Tirando as rodas do chão
Soltar pipas lá no céu
Deslizar sobre patins
Bem que isso podia nunca mais ter fim.

A casa de Amarelo *(Veveta e Saulinho)*

Papai pintou a casa de amarelo
A frente toda parece um castelo
Lá no jardim anão e cogumelo
Mamão gostou achou legal e até discreto
Ha... Foi um sonho
Hum que sonhei
Ha... Foi um sonho
Me tratavam como um rei (2x)
Lá do meu quarto da pra ver os girações
La da varanda grandes postas de cristais
Mamãe vestida de rainha e de condão
Papai valente enfrentando o dragão
Papai pintou a casa de amarelo
A frente toda parece um castelo
Lá no jardim anão e cogumelo
Mamão gostou achou legal e até discreto
Ha... Foi um sonho
Hum que sonhei
Ha... Foi um sonho
Me tratavam como um rei (2x)
Lá do meu quarto da pra ver os girações
La da varanda grandes postas de cristais
Mamãe vestida de rainha e de condão
Papai valente enfrentando o dragão
Papai pintou a casa de amarelo
A frente toda parece um castelo
Lá no jardim anão e cogumelo
Mamão gostou achou legal e até discreto
Ha... Foi um sonho
Hum que sonhei

Ha... Foi um sonho

Me tratavam como um rei (2x)